

Referências Bibliográficas

ARRUDA, José Jobson. Oriente Médio: uma região de conflito. In: _____. **História total 4**, Época Moderna e Contemporânea. São Paulo: Ática, 2004. p. 226-230.

CASTRO, Christine Somma. **Orientalismo na imprensa brasileira**. Encontrado em: <http://www.flch.usp.br/dio/pos/defesasarb.htm>. Acessado em 02/06/09.

COTRIM, Gilberto. Descolonização e Conflitos Regionais. In: _____. **História global, Brasil e Geral**. São Paulo: Saraiva, 2005. p. 507-519.

FERREIRA, Marieta Ferreira de. Apresentação. _____. In: **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 05-08.

FIGUEIRA, Divalte Garcia. Os Países Ricos. In: _____. **História**. São Paulo: Ática, 2007. p. 397-403.

MORAES, José Geraldo Vinci de. As Tensões no Oriente Médio. In: _____. **História, Geral e Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2005. p. 474-479.

RÉMOND, René. Uma História Presente. _____. In: **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 05-36.

RÉMOND, René. Do político. In: _____. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 441-450.

REZENDE, Antonio Paulo e Maria Thereza Didier. O mundo atual: múltiplos conflitos. In: _____. **Rumos da história, História Geral e do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2005. p. 575-588.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

livros didáticos do Ensino Médio brasileiro no pós 11 de setembro de 2001. Intentou-se ainda sugerir alguns questionamentos. Por exemplo, se a abordagem aí existente informa/forma o aluno/leitor acerca do contexto histórico, em que se desenrolou e se desenrola, os acontecimentos conflituosos que envolvem alguns países do Oriente Médio, bem como, a associação da região ao terrorismo, em especial, ao atentado às torres gêmeas do *World Trade Center*, em Nova York, em 11 de setembro de 2001.

Esperamos ter exposto, de forma mais detalhada possível, como apresenta a abordagem, do pós 11 de setembro de 2001 dentro dos livros didáticos. Temos em mente que esse detalhamento só foi até onde as fontes permitiram. Sendo assim, por mais que o assunto se apresente instigante, por diversas vezes, na medida do possível, tentamos não colocar observações e afirmações caracteristicamente subjetivas. Mesmo assim, quanto aos questionamentos postos, os tomemos aqui como pertinentes, dado, sobretudo, ao caráter do objeto em estudo, e a forma como esse tem sido apresentado. Como, por exemplo, se esse conteúdo vem sendo mostrado/discutido de forma crítica ou não, aos alunos do Ensino Médio público do Brasil.

Foi motivo de preocupação também a geopolítica anterior e atual da região. Tentamos indagar nesse aspecto particular a idéia de associação do povo árabe/islâmico ao fundamentalismo e ao terrorismo. Se essa associação é construída por meio da mídia, ou até mesmo por meio dos livros didáticos. Mais uma vez, interrogamos o porquê da não existência de certos conteúdos nos referidos livros. Como é o caso do movimento sionista, que está diretamente ligado ao conflito árabe-israelense; mas sendo este último, tema recorrente nos livros pesquisados. Ainda sobre os objetivos, o artigo se propôs a questionar a não explicação histórica do processo de criação/formação dos países que compõem a região e suas complexidades. E por fim, principal intuito do texto – que podemos chamar de força motriz do artigo – verificar se a abordagem existente nos livros didáticos analisados contribui de alguma forma para a construção de uma visão equivocada sobre o Oriente Médio.

Assim sendo, acreditamos ser imperativo um melhor conhecimento da região em todos os seus aspectos. Preferencialmente, num primeiro momento, através dos livros didáticos, visto que esses são de fácil acesso aos alunos/leitores, e tendo em vista que tal material didático deve possuir uma visão menos equivocada dos povos do Oriente Médio. E sem esquecer, porém, da acertada lição do professor Edward W. Said: “mais que um nome geográfico, o Oriente é uma invenção ocidental, um selo que marca as civilizações a leste da Europa sob o signo do exotismo e da inferioridade” (Said, 2008, p. 13).

pública, a mídia ou o discurso. Os contatos com a sociologia, a lingüística e a antropologia também frutificaram, resultando no desenvolvimento de trabalhos sobre a sociabilidade, a história da cultura política, e ainda em análises de discurso (Ferreira, 20003, p. 5-6).

Como foi dito anteriormente, alguns historiadores, em especial René Rémond, rebatem, sem perder de vista a concepção de história proposta pelos Annales, as antigas acusações de que a história política só se interessa pelas minorias privilegiadas e deixa de fora as massas; o povo, o cidadão comum. Que, aliás, são na verdade, os formadores desse todo, do coletivo, com suas ações e renovações, afirma Rémond:

[...] uma geração que chegou à idade adulta no pós-guerra, e que identificou a história com aquele de seus ramos que tinha como especificidade observar os fatos econômicos e suas conseqüências sociais. Esses avanços se operam muitas vezes em detrimento de um outro ramo, como se todo avanço devesse ser pago com algum abandono, duradouro ou passageiro, e o espírito só pudesse progredir rejeitando a herança da geração anterior. Era pois provavelmente inevitável que o desenvolvimento da história econômica ou social se fizesse às custas do declínio da história dos fatos políticos, daí em diante lançada num descrédito aparentemente definitivo. Ora, o movimento que leva a história, o mesmo que acarretou o declínio da história do político, hoje traz de volta essa história ao primeiro plano. Ao lado da história das relações internacionais, profundamente renovada, da história religiosa, também reformada e em pleno desenvolvimento, da história cultural, a última a chegar e que desfruta de um entusiasmo comparável àquele de que se beneficiaram tempos atrás a história econômica e a história social, eis que a história política experimenta uma espantosa volta da fortuna, cuja importância os historiadores nem sempre têm percebido (Rémond, 2003, p. 14).

Cada vez menos pesquisadores acham que *infra-estruturas* governam *superestruturas*. A maioria prefere discernir uma diversidade de setores: o cultural, o econômico, o social, o político. E que esses setores se influenciam mútua e desigualmente, segundo as conjunturas específicas, guardando, contudo, ao mesmo tempo, cada um, sua autonomia e seus dinamismos próprios.

É dentro desse intrincado processo de interdisciplinaridade, ou seja, dessas complexas relações entre história política, sociologia, antropologia e ciências afins, que o Oriente Médio precisa ser visto e analisado. Só assim, poderemos compreender suas formações sócio-geográfica, social, histórica; os seus complexos aspectos formadores.

Considerações finais

Faz-se necessário, em vias de conclusão, reafirmar que este artigo teve por objetivo, examinar a forma como o Oriente Médio e o terrorismo são abordados dentro dos

história política, ressaltando sua importância para a compreensão do todo social, e deixando claro como o objeto de estudo deste artigo se encaixa perfeitamente nesse mister.

Durante muito tempo a história política foi lançada na vala dos saberes desacreditados. Tudo parecia indicar que ela não iria mais ressurgir. Mas há duas ou três décadas, ela reapareceu dando sinal de retorno com força total. Os trabalhos de história política crescem, e numerosas teses sobre temas políticos têm surgido no meio historiográfico. O ensino de história, após ter seguido a convicção de que se deveria descartar a política, em favor da economia e do social, hoje tem re-introduzido a dimensão política nas análises dos fatos coletivos.

A história como realidade, tomada no sentido da seqüência dos acontecimentos, teve seu papel renovado nessa volta às boas graças do político. A experiência das guerras, por exemplo, cujo desencadeamento não pode ser explicado apenas pela referência aos dados da economia. (Rémond, 2003, p. 23). Tenta-se aqui dar condição a história política para validar essa perspectiva de análise do objeto de estudo do artigo, ou seja, a adoção de um viés teórico político.

A política é uma das mais altas expressões da identidade coletiva. Sendo assim, a geopolítica torna-se de suma importância na compreensão do Oriente Médio em todos os seus aspectos: econômicos, étnicos, e até mesmo religiosos. Além, é claro da variedade de relações conflituosas encontradas na região. Segundo Rémond, “um povo se exprime tanto pela sua maneira de conceber, de praticar, de viver a política, quanto por sua literatura, seu cinema e sua cozinha. Sua relação com a política revela-o, da mesma forma com os seus outros comportamentos políticos”. (Rémond, 2003, p. 240).

A nova história política não se prende mais unicamente aos fatos e aos grandes personagens. É pelo estudo do imaginário que a política se reintegra a história, (Rémond, 2003, p. 14). Marieta de Moraes Ferreira, na apresentação do livro, *Por uma História Política*, confirma a premissa exposta:

Por uma História Política, que é agora oferecido ao público brasileiro, tem como objetivo central fazer a defesa da história política, ressaltando sua importância para a compreensão do todo social, mas para além disso apontar os caminhos já percorridos, e a percorrer, para a sua renovação. Já que até bem pouco tempo, dedicar-se à história política, era então visto como a síntese de todos os males, caminho que todo bom historiador deveria evitar. Mas não é só isso, ou seja, descrever o recente processo de legitimação do estudo do político. É preciso também apontar os caminhos da renovação da história política, seja através do estudo de temas já tradicionais, como partidos, eleições, guerras ou biografias, trabalhados, porém em uma nova perspectiva, seja através da análise de novos objetos, como a opinião

permanência eterna. Também impressiona o teatro erguido no século I, com capacidade para 4 mil espectadores, inspirado no estilo romano. Caminhando através de uma estreita fenda em um desfiladeiro com paredes que chegam a 200 metros de altura, subitamente tem-se uma visão deslumbrante: o *Al-Khazneh*, o Tesouro, monumento que serviu de cenário para o filme *Indiana Jones e a Última Cruzada*. Localizada no interior do país, Petra é um dos pontos turísticos mais fascinantes do Oriente Médio. As centenas de edificações que brotam de suas rochas revelam uma incrível riqueza arquitetônica. A cidade é remanescente da rota das especiarias, que vinham do Extremo Oriente, cruzavam a Pérsia (atual Irã) e a região da Arábia (hoje Arábia Saudita) e chegavam ao Egito, passando por Damasco na Síria. Os Nabateus, um povo nômade que fundou a cidade, chegou à região há cerca de 2 mil anos. Durante o Império Persa vivia do transporte de especiarias, incenso e mirra. Em 63 a.C., a cidade se rendeu ao domínio romano, séculos mais tarde foi abalada por vários terremotos. Petra tornou-se conhecida dos ocidentais somente em 1812, pelo trabalho do explorador suíço, Johann Ludwig Burckhardt.

Alguns desses tesouros, infelizmente foram destruídos. Outros estão em vias de destruição, ou ameaçados, principalmente, pelas sucessivas guerras que assolam alguns países da região. Exemplo recente disto, foram os saques e a destruição dos monumentos milenares, verdadeiros legados históricos, nas cidades iraquianas, do pós-invasão pelos Estados Unidos, e pelos países da coalizão; como Grã Bretanha e Austrália. Além, é claro, da ameaça permanente, em função dos conflitos étnicos também presentes na região.

4. A importância da história política para a compreensão da geopolítica conflituosa do Oriente Médio.

Este artigo segue um viés teórico com característica da história política. Sabemos que este modelo de fazer história, para alguns, em especial, para os historiadores com embasamento teórico na matriz dos Annales, até recentemente, foi vista como ultrapassada. A história política, contudo, está de volta, depois de uma aproximação com a antropologia.

Nas últimas décadas tem sido constante a preocupação dos historiadores em produzir balanços historiográficos que proporcionem um quadro geral da disciplina história, ou, pelo menos, de alguns setores específicos desse campo do conhecimento. Dentro deste viés, ou seja, dentro da história política, em especial, das relações internacionais, como é o caso das relações do ocidente com o Oriente Médio, tem-se como objetivo, fazer a defesa da

Todos esses exemplos demonstram que algumas culturas locais, baseadas em tradições étnicas sobrevivem ao mundo globalizado. Essa situação, não raro, gera casos de relações bastante conflituosas, algumas, com caráter marcadamente belicista. Como é o caso do Oriente Médio.

3. Alguns tesouros culturais da região do Oriente Médio poucos divulgados

O estudo da região do Oriente Médio traz à tona assuntos importantes correlacionados ao estudo de História, da Arqueologia, da Antropologia e de outras ciências humanas. A região, como se sabe, é muito rica historicamente. Um bom exemplo disso é a arquitetura peculiar de cada império que ali se estabeleceu e as importantes mudanças/influências que receberam de cada uma das invasões que a região experimentou. Esse conteúdo (histórico) da região interessa e muito, à história contemporânea. Um exemplo são as riquezas e os múltiplos conflitos que se presencia na região atualmente.

É no Oriente Médio que se localiza a chamada Terra Santa. Um lugar considerado sagrado para três, das maiores religiões do mundo: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo; este último, objeto/instrumento de grande importância para a compreensão da formação social e cultural dos povos antigos e atuais, que habitavam e habitam a região, bem como, de interesse para os historiadores preocupados com a história das religiões.

Obviamente não queremos aqui, mascarar ou dizer, que os fatos divulgados a respeito dos conflitos violentos da região, não são verdadeiros. Mas sim, dizer que a violência não é intrínseca à toda região. Temos ali, alguns países, que podem figurar como verdadeiros paraísos naturais, com vários patrimônios históricos e culturais. Como é o caso da Jordânia, da Síria e do Líbano, que possuem cidades milenares, como Damasco, Aleppo e Tiro. E o próprio Iraque, com sua capital, Bagdá, que por milênios, foi chamada de a *Pérola do Oriente*, consequência do seu desenvolvimento, e da não existência de uma outra cidade do mesmo porte, mesmo considerando, um raio de quilômetros de distância. Como isso queremos salientar então, que a região não vive somente de violência. Nota-se, porém, que, mesmo com toda essa riqueza cultural da região, as notícias sobre o Oriente Médio, em praticamente todos os veículos de informação, em especial, naqueles localizados, ou que transmitem para os países ocidentais, nesse particular, são ínfimas. Sobretudo, quando comparadas àquelas sobre a violência, aos atentados, as desavenças religiosas, etc. Salvo aí, a cidade de Petra, na Jordânia, que recentemente foi eleita uma das sete maravilhas do mundo moderno. Essa cidade, resultante da perícia em hidráulica dos Nabateus, se destaca por possuir um complexo sistema de túneis e câmaras de água, entendido, como digno de

Paulo, bem como as unidades textuais elaboradas por jornalistas de outras mídias. Entre elas, agências, jornais e revistas internacionais. Em ambos os períodos estudados, a pesquisadora conclui que nos dois jornais, as agências internacionais foram as principais fontes de informações das notícias veiculadas.

No recorte anterior aos atentados do 11 de setembro de 2001, os assuntos relacionados a atos de violência (atentados, conflitos, etc.) dominaram a cobertura dos dois jornais, em relação ao mundo árabe/muçulmano. Na Folha de São Paulo, 60,8% das unidades textuais coletadas trataram de assuntos relacionados a atos de violência, e somente 6,4% abordaram aspectos culturais. No Estado de São Paulo, 47,02% eram sobre violência e 4,16% sobre aspectos culturais.

O assunto que mais recebeu destaque, em ambos os períodos estudados, foi o conflito palestino-israelense. No recorte anterior ao 11 de setembro, 34,4% de todos os textos publicados que citaram árabes e muçulmanos (ou países relacionados a eles), na Folha de São Paulo, abordaram assuntos relacionados aos palestinos. Em O Estado de São Paulo, esse número foi de 28,57%. No segundo recorte, posterior ao 11 de setembro de 2001, houve um aumento considerável: 71,04% na Folha de São Paulo e 69,76% no Estado de São Paulo (Castro, 2007).

Há de se ressaltar também, que independente do caráter da notícia, a maioria delas, tem como fontes, as agências internacionais, principalmente, as européias e as norte-americanas. Essa condição reforça a idéia de que as informações veiculadas já vêm prontas, sem maiores possibilidades de questionamentos. Considerando que o Brasil é um país que deixa muito a desejar, no que tange a busca autônoma de informações sobre a região, fica, evidente, por si só, a necessidade de um olhar cauteloso quando o assunto é Oriente Médio.

Para alguns historiadores, o processo de globalização é um fator complicador nessas questões, pois, a formação de uma cultura global, espelhada nos padrões norte-americanos, definitivamente, não agrada aos povos do Oriente, em especial os árabes-islâmicos. Há aí também, dentro da idéia de globalização, uma contradição instigante: a questão em torno da reafirmação das culturas locais ou nacionais. Em várias regiões do mundo, os movimentos pela independência nacional renasceram ou ganharam um novo vigor. Com é o caso da região dos Bálcãs, da África Subsaariana, do Tibet, da Federação Russa, etc. No México, o movimento de Chiapas, iniciado nos anos de 1990, representou a luta indígena pela reafirmação de sua identidade e pelos seus direitos. No Brasil, os povos indígenas conquistaram o direito à terra que tradicionalmente eles haviam ocupado. Merece referência também a instalação de escolas indígenas com aulas ministradas nas próprias línguas nativas.

Inglaterra e pelos Estados Unidos prossegue ilegal e não sancionada pelas outras nações, produzindo destruição física, inquietação política e mais invasões – uma coisa verdadeiramente horrível de se testemunhar. Tudo isso é parte de um suposto choque de civilizações, um choque sem fim, implacável, irremediável. Contudo, não creio que deva ser assim (Said, 2008, p. 13).

Acrescenta-se, ainda, a última invasão israelense à faixa de Gaza no início de 2009. Em que se constatou a morte de mais ou menos 1500 pessoas, em sua maioria, civis. Evento esse, em que mais uma vez, o governo israelense, abonado pelo norte-americano, contrariou decisões da Organização das Nações Unidas, atacando a região, com seu aparato militar inquestionavelmente superior. Essas ofensivas, ironicamente, atingiram, inclusive, os prédios da própria ONU, que se encontra na região, na tentativa de amenizar o sofrimento do povo palestino e desestabilizar o governo do *Hamas*, que controla a região, e é considerado por Israel e Estado Unidos como um grupo terrorista.

Por tudo isso, fica razoavelmente evidente a importância do questionamento sobre a quantidade e a qualidade das abordagens presentes nos livros didáticos, em especial, acerca do Oriente Médio e seus mais variados aspectos. Como se sabe, a região influencia várias partes do mundo, tanto pela sua política, mas principalmente, pela sua economia. Além, é claro, da sua rica cultura, que infelizmente, aparece no exterior relacionada aos tumultuados conflitos que ali ocorrem. Isso ficou mais evidente depois dos atentados de 11 de setembro de 2001.

Apenas para efeito de comparação, e para reforçar a idéia de que existe, principalmente, no mundo ocidental, uma associação generalizada entre Oriente Médio, em geral, e islamismo, em particular, ao extremismo, ao terrorismo, tomemos como exemplo alguns dados da pesquisa feita por Isabelle Christine Somma de Castro, para sua dissertação de mestrado, intitulado: *Orientalismo na Imprensa Brasileira*. O período de estudo, ou recorte temporal, da pesquisa de Castro mapeia as edições dos jornais, Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, entre 11 de março e 9 de abril de 2001 e 11 de março e 9 de abril de 2002. Todas as unidades textuais dos referidos periódicos que mencionam as palavras “árabe” e “muçulmano”, além dos países que possuem população majoritariamente muçulmana, e os 22 integrantes da Liga Árabe, foram incluídas na análise.

Entre as metodologias empregadas está a análise quantitativa que enumerou os textos que abordam temas específicos como violência, política interna, política externa, economia e cultura sobre o Oriente Médio. A autora também contabilizou os textos que foram produzidos por jornalistas dos próprios veículos, Folha de São Paulo e O Estado de São

Edward W. Said, autor de *O Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, afirma sentir na própria pele, essa interpretação equivocada. Said era palestino radicado nos Estados Unidos. Diz o autor do *Orientalismo*:

As minhas próprias experiências dessas questões constituem, em parte, o que me fez escrever este livro. A vida de um palestino árabe no Ocidente, particularmente na América, é desanimadora. Há, nesse ponto, um consenso quase unânime de que politicamente ele não existe e, quando lhe é permitida a existência, ela aparece como um incômodo ou como um oriental. A teia de racismo, estereótipos culturais, imperialismo político, ideologia desumanizadora que reprime os árabes ou os muçulmanos é realmente muito forte, e essa teia é o que todo palestino vem a sentir como seu destino singularmente punitivo. A situação ainda se torna pior quando observamos que nos Estados Unidos nenhuma pessoa academicamente envolvida com o Oriente Próximo - isto é, nenhum orientalista - jamais se identificou de todo o coração, cultural e politicamente com os árabes; certamente ocorreram identificações em algum nível, mas elas nunca adotaram uma forma "aceitável", como a da identificação americana liberal com o sionismo, tendo sido com muita frequência radicalmente prejudicadas pela sua associação com interesses políticos e econômicos desacreditados (arabistas das companhias de petróleo e do Departamento de Estado, por exemplo) ou com a religião (Said, 2008, p. 58-59).

Sobre os conflitos que já aconteceram e os que ainda acontecem no Oriente Médio, inclusive os associados ao terrorismo, parte integrante do tema abordado por este artigo, qual seja, a dinâmica tumultuosa da história contemporânea do Oriente Médio e Ocidente, nos informa Said, nos seguintes termos:

[...] ênfase que nem o termo "Oriente" nem o conceito de "Ocidente" têm estabilidade ontológica; ambos são constituídos de esforço humano - parte afirmação, parte identificação do Outro. O fato de que essas rematadas ficções se prestem facilmente à manipulação e à organização das paixões coletivas nunca foi mais evidente do que em nosso tempo, quando a mobilização do medo, do ódio e do asco, bem como da presunção e da arrogância ressurgentes - boa parte disso relacionada ao islã e aos árabes de um lado, e a "nós", os ocidentais, do outro -, é um empreendimento em escala muito ampla. A primeira página de *Orientalismo* se abre com uma descrição de 1975 da guerra libanesa - que acabou em 1990 -, mas a violência e o lamentável derramamento de sangue humano prosseguem neste exato minuto. Tivemos o fracasso do processo de paz de Oslo, a eclosão da segunda intifada e o terrível sofrimento dos palestinos da Cisjordânia e de Gaza, re-invasidas, com aviões F-16 e helicópteros Apaches israelenses sendo utilizados rotineiramente contra civis indefesos como parte de sua punição coletiva. O fenômeno dos ataques suicidas fez sua entrada em cena com todos os seus danos horrendos, nenhum, evidentemente, mais chocante e apocalíptico do que os acontecimentos do 11 de setembro de 2001, e suas conseqüências, as guerras contra o Afeganistão e o Iraque. No momento em que escrevo estas linhas, a invasão imperial e a ocupação do Iraque pela

devemos examinar e propor uma visão sobre o Oriente Médio mais condizente com as novas formas de analisar as culturas, como distintas e portadoras de um valor em si mesmo. Sem o “comparatismo etnocêntrico” que, via de regra, pensa o outro de forma inferiorizada.

Os termos, islâmico, islamismo e islã são recorrentes nos livros didáticos. E salvo, raras exceções, quase sempre não se explica os seus significados. Informação básica, se considerarmos que a tentação do pré-conceito é um desejo muito forte quando se examina/estuda previamente aquilo que não se conhece.

O Alcorão é o livro sagrado dos muçulmanos. Assim como o é, a bíblia, para os cristãos. No Alcorão está contida a palavra de Deus, revelada ao profeta Muhammad (Maomé), o fundador do islamismo.

A revelação do Alcorão levou 23 anos para se completar. É considerada a primeira e a mais importante fonte da religião muçulmana. O Alcorão é composto de 114 capítulos, chamados “suratas”, somando 6236 versículos ou “ayas”. A disposição dos capítulos não segue a linha cronológica da revelação. O conteúdo do livro começou a ser compilado e anotado ainda em vida do profeta, mas é fixado definitivamente durante o governo do terceiro califa, Othmman, entre 644 e 656. O Alcorão é escrito em árabe, sendo dever de cada muçulmano, árabe ou não, fazer suas orações nessa língua.

Na citação seguinte, Safa Jubran, professora de língua e literatura árabe, da Universidade de São Paulo, apresenta sua visão do Alcorão e do *Hadith*, importantes fontes da religião muçulmana.

É importante frisar que o Islã não nega as duas religiões anteriores, judaísmo e cristianismo, mas se coloca como aquela que veio para completar as mensagens anteriores, assim selando o período das profecias. No Alcorão, há referências aos textos bíblicos, como a história dos judeus e seu êxodo para a terra Prometida e o nascimento de Jesus Cristo.

Em linhas gerais, o Alcorão prega a generosidade, a fraternidade e a igualdade entre os homens, enfatizando que a adoração cabe apenas a Deus e fazendo alusão ao Juízo Final, como ocorre na “surata” 75: “Quando a vista ficar confundida, e a Lua se eclipsar, e o Sol e a Lua se unirem, nesse dia o homem gritará: para onde é que se pode fugir? Oh, não haverá refúgio!”. No que se refere ao texto, pode-se dizer que é carregado de metáforas e imagens alegóricas. Seu conteúdo, pelo fato de ter-se formado a partir de revelações fragmentadas, não apresenta uma ordem lógica facilmente perceptível.

Uma outra fonte importante do islamismo, além do Alcorão, é o “Hadith” (diálogos), que consiste em narrativas e pregações atribuídas ao profeta Muhammad. O conjunto de “Hadith” foi reunido durante os primeiros séculos após a morte do profeta. Recorre-se ao “Hadith” quando não se encontra no Alcorão uma instrução específica de como se deve agir diante de uma situação não prevista (Cotrim, Apud, Jubran, 2005).

Outros atentados também foram realizados. Como aqueles contra as embaixadas americanas na Tanzânia e no Quênia, com dezenas de vítimas fatais e centenas de feridos. O que vemos nestes atentados é que, além de exporem a fragilidade da segurança dos países atacados, as pessoas atingidas são quase sempre, na sua totalidade, civis inocentes. Vista desse ângulo, a realização das ações terroristas mostra-se um contra-senso, pois, a principal alegação dos grupos extremistas, para tais ataques, é a libertação das populações desses países da influência do modelo econômico e cultural norte-americano e europeu. E são elas as maiores vítimas.

2. A visão equivocada ocidental acerca do Oriente Médio

A região do Oriente Médio é rica e complexa, do ponto de vista da diversidade étnica. Sua formação histórica conflituosa, permeada por conflitos decorrentes dos interesses de seus países (não raro econômicos), ao longo de séculos, e mais recentemente, com sua associação ao terrorismo, a tornou assunto indispensável para se compreender o mundo atual. E como se sabe, os livros didáticos, dentro do âmbito de sua competência, são veículos essenciais nessa compreensão/mediação.

Os livros didáticos são pensados de forma a dar, na medida do possível, a formação educacional básica aos alunos; principalmente, os da escola pública. No caso específico, estamos falando da formação sobre o aspecto geopolítico de uma região, que de uma forma, ou de outra, influencia o mundo inteiro. Essa influência acontece, principalmente, no aspecto econômico, pois, como se sabe, a região do Oriente Médio é a maior produtora de petróleo do mundo. E o petróleo, se não é a principal fonte de energia atualmente em uso, é certamente uma das principais. Dada essa peculiaridade (importância) do petróleo, o mundo inteiro sente-se obrigado a permanecer vigilante sobre a dinâmica, em especial a sociopolítica, do Oriente Médio. E uma dessas formas de “vigilância” é, em grande medida, um melhor entendimento do processo histórico da região.

Ainda sobre a importância de tal conteúdo, há que se mencionar o caso do terrorismo, suas motivações, bem como, o tão divulgado anti-ocidentalismo, sobretudo, propagado por parte de árabe-islâmicos que não concordam, por exemplo, com as políticas e o liberalismo cultural e religioso dos povos ocidentais. Sendo assim, para que os alunos possam avaliar as informações que lhes chegam via mídias ou até mesmo, via o livro didático; uma vez que, a maior parte dessas informações são de origem ocidental. Para que não criemos uma sociedade que entenda a região dos povos árabe-islâmicos de forma equivocada, é que

especial, no que diz respeito a Guerra de Suez (1956), a guerra dos Seis Dias (1967), e a guerra do Yom Kippur (1973).

O livro de Rezende e Didier, ainda se utiliza de mapas e imagens, e como já foi dito, esses recursos contribuem para um melhor entendimento, por parte dos alunos, acerca da região e de seus aspectos, culturais, religiosos, bem como dos seus vários conflitos. Contudo, peca quanto ao número (reduzido) de tópicos, e conseqüentemente, no aprofundamento de outras temáticas relacionadas ao objeto aqui em estudo: o Oriente Médio, e suas particularidades e complexidades, adicionando-se aí a visão que se faz do terrorismo no pós-11 de setembro de 2001.

O ataque de 11 de setembro foi, ao que tudo indica, protagonizado pelo grupo terrorista de fundamentação islâmica *Al Qaeda*, liderado pelo milionário, de origem saudita, Osama Bin Laden, que, segundo o autor, Divalte Garcia Figueira, teria sido preparado pela Agência de Inteligência Americana; a CIA.

Os ataques terroristas têm se disseminado também por áreas de conflito de difícil solução, como a própria região do Oriente Médio. Eles parecem expressar as diferenças religiosas e políticas e, muitas vezes, o desespero causado pelas condições específicas em que vivem as populações daqueles países. Mas o problema não se restringe ao “mundo árabe”: senão vejamos.

O governo dos Estados Unidos reagiu ao ataque do 11 de setembro de 2001 com uma ofensiva contra o Afeganistão, acusando-o de abrigar o terrorista Osama Bin Laden. E com o apoio da Grã-Bretanha, atacaram as principais cidades afegãs e desmantelaram a milícia *Taleban* que governava o país. Em dezembro de 2001, os Estados Unidos nomearam um novo governo para o Afeganistão; com apoio da Organização das Nações Unidas. O novo governo afegão, apesar do apoio externo dos Estados Unidos, mostrou-se incapaz de controlar totalmente o território afegão.

Quando se fala em ataques terroristas, vem-se logo à mente, aquele realizado em Nova York, no dia 11 setembro de 2001, contudo, recentemente vários outros atentados foram praticados em outros pontos do mundo, principalmente em países que apóiam a política externa norte-americana. A guerra entre os Estados Unidos e os grupos terroristas chegou também ao continente europeu. Em 11 de março de 2004, um atentado terrorista na estação ferroviária de Atocha, em Madri, na Espanha, matou 200 pessoas e deixou cerca de 1500 feridas. A rede terrorista *Al Qaeda* reivindicou a autoria do ataque, dando como resposta, a responsabilidade da Espanha em apoiar a ocupação do Iraque pelas forças estrangeiras.

terrorismo, principalmente no que diz respeito aos fatos do pós-11 de setembro de 2001, mesmo o livro tendo edição posterior ao 11 de setembro. Em suma, não aparece, nem mesmo, uma divulgação rápida dos fatos. O texto de Cotrim aborda a região a partir dos assuntos/temas tidos como consensuais.

Divalte Garcia Figueira, no seu livro *História*, examina o Oriente Médio e seus aspectos, na maioria das vezes, os conflitos armados. Figueira avalia o terrorismo. O autor pondera ainda acerca da rede terrorista *Al Qaeda* e sobre Osama Bin Laden, como seu possível líder. Aqui, pela primeira vez nas obras em estudo, aparece a questão do terrorismo avaliada de forma mais aprofundada e, de certo ponto, até categórica, pois, Figueira chega a afirmar que a Agência de Inteligência Norte-Americana, a CIA, teria sido a criadora da rede terrorista liderada por Osama Bin Laden. Isto teria acontecido quando, supostamente, o grupo *Taliban*, recebia treinamento, armas e dinheiro da referida Agência. O governo norte-americano financiava o regime *Taliban* no combate ao povo afegão, contudo, o intuito maior era expulsar as tropas soviéticas que haviam invadido país. Outros exemplos dessa disputa entre Estados Unidos e União Soviética, são as guerras entre as Coreias do Sul e do Norte, bem como o conflito do Vietnã.

A abordagem crítica e questionadora de Figueira, ao tratar do terrorismo e suas possíveis causas, peca no quesito mapas e imagens referentes ao Oriente Médio; recursos esses, aliás, tidos como facilitadores na compreensão dos conteúdos históricos pelos alunos/leitores.

O texto de José Geraldo Vinci de Moraes, *História, Geral e Brasil*, mostra o Oriente Médio em seus aspectos conflituosos. Moraes traz um número maior de assuntos relacionados a região, quando comparado aos demais textos aqui em avaliação. Uma exceção aparece em Moraes. O tratamento dispensado ao terrorismo. Nesse aspecto específico, a abordagem de Figueira se apresenta de forma menos completa e questionadora. O livro de Moraes se mostra, não só mais completo, como também mais crítico. Moraes, a exemplo de Figueira, também aborda o terrorismo, sendo a abordagem do segundo, mais sucinta.

Quanto ao livro de Antonio Paulo Resende e Maria Thereza Didier, *Rumos da História*, o Oriente Médio e seus assuntos aparecem mais recorrentemente. Entre os livros examinados o de Resende e Didier é o único que aborda a guerra do Líbano; conflito que tem sua origem, ou pelo menos, sua complicação, associada às disputas árabe-israelenses.

O texto de Resende e Didier analisa também, de forma mais detalhada, a Guerra do Golfo (invasão iraquiana do território do Kuwait, em 1990), além de um aprofundamento quanto a extensão dos conflitos referentes aos ressentimentos entre árabe-israelenses, em

em 1994 e 1995, e de Wye Okabtuib, em 1998, determinaram as áreas autônomas palestinas na faixa de Gaza e na Cisjordânia sob a administração de uma Autoridade Nacional Palestina; (13) *a radicalização dos conflitos*. A eleição de Benyamin Netanyahu, em 1996, para o cargo de primeiro ministro de Israel significou um retrocesso radical na orientação em favor da paz. No ano de 2000 reabriram espaços para a retomada do diálogo, mas essas novas negociações surtiram poucos efeitos positivos. Nesse clima de tensão, foi eleito, em 2001, o novo primeiro ministro israelense, Ariel Sharon, líder direitista, acusado no passado de exterminar árabes, e dos confrontos entre israelenses e palestinos; (14) *o Iraque, foco de desestabilização*. Nas décadas de 1960 e 1970 o Iraque viveu um clima político instável, alternando-se entre golpes políticos, levantes e rebeliões. Em 1979, com apoio de países ocidentais, interessados em pacificar a região, mas, sobretudo, em função do petróleo, o vice-presidente Saddam Hussein deu um golpe e assume o poder, e institui, a partir de então, um governo autoritário; (15) *a guerra do Golfo*. Em 1990, Saddam Hussein, presidente do Iraque, invade o Kuwait, alegando disputas de fronteiras e interesses econômicos relativos ao petróleo. Rapidamente o conflito ganha dimensões internacionais; (16) *o fim da era Saddam Hussein*. Mesmo sem o aval da comunidade internacional, em março de 2003, a aliança anglo-americana deu início à guerra no intuito de retirar do poder o ditador iraquiano Saddam Hussein. Na ausência de maior resistência iraquiana, no começo de abril a guerra já caminhava para o fim, e o regime de Saddam Hussein terminava, depois de mais de duas décadas de poder autoritário; (17) *o problema curdo*. De origem indo-européia, o povo curdo se estabeleceu entre as fronteiras do Iraque, do Irã e da Turquia, bem como, em pequenas faixas na Síria e na Armênia, há cerca de 3 mil anos. Nunca formaram um Estado independente. A Turquia, o Irã e o Iraque sempre desprezaram e reprimiram a população curda; (18) *a extensão do conflito, e a guerra no Líbano*. A partir de sua independência da França, em 1945, o Líbano passou a ser governado por grupos religiosos que disputavam o poder entre si. Em 1975, surge um conflito entre muçulmanos e cristãos, permeado pela questão palestina. Esse conflito culminou em uma guerra civil. A intervenção da Síria, em 1976, e de Israel, em 1982, não conseguiu definir os rumos do conflito. Somente no início da década de 1990, o Líbano conseguiu restabelecer a paz interna, iniciando um difícil trabalho de reconstrução do país.

Analisando as abordagens do assunto Oriente Médio e Terrorismo feitas pelos autores, de forma individualizada, têm-se o seguinte quadro:

Gilberto Cotrim, em *História Global, Brasil e Geral*, trata da questão Palestina, ou seja, do conflito árabe-israelense, bem como da guerra do Iraque, mas não discute o

de setembro de 2001, que foi quando aconteceu aquilo que é tido como o maior atentado terrorista da história norte-americana: o ataque ao *World Trade Center*, em Nova York.

Os quatro livros do Ensino Médio analisados são: *História Global, Brasil e Geral*, de Gilberto Cotrim, 8ª edição, 2005; *História*, de Divalte Garcia Figueira, 1ª edição, 2007; *História, Geral e do Brasil*, de José Geraldo Vinci de Moraes, 2ª edição, 2005 e *Rumos da História, História Geral e do Brasil*, de Antonio Paulo Rezende e Maria Thereza Didier, 2ª edição, 2005.

Como sugere os títulos das obras examinadas, todos eles abordam/trabalham a história geral e do Brasil, e cada um dos títulos foram editados em volume único. Os temas trabalhados dentro dos livros didáticos estudados que fazem parte do objeto de estudo são: (1) *o Oriente Médio*. Uma região particularmente lembrada por sua diversidade étnica e religiosa e pelos sucessivos conflitos que ali se desenrolam; (2) *o conflito árabe-israelense e a Guerra do Irã-Iraque*. Evento desencadeado pelo Iraque, quando este, aproveitando-se do isolamento externo do Irã, o invadiu em 1981, alegando direitos sobre a área do rio Chatt-el-Araba, e dando assim, início a um violento conflito no golfo Pérsico; (3) *o "terror ataca em Nova York"*; (4) *a CIA - Agência de Inteligência Americana - criou Osama Bin Ladem*; (5) *as tensões militares no Oriente Médio*; (6) *o islamismo e a Revolução Islâmica*; (7) *a guerra entre Irã e Iraque (1980-1988)*; (8) *a relativa liberalização do regime*. Nos anos de 1980 e 1990, houve diversas lutas políticas internas no Irã. A morte do Aiatolá Khomeini, chefe supremo do Irã, em 1989, favoreceu os políticos religiosos mais pragmáticos, defensores da abertura do regime totalitário; lembremos que, Estado e religião, nessa situação não são instituições separadas. A eleição de líderes modernos durante a década de 1990 permitiu uma relativa liberalização do regime; (9) *o fundamentalismo no Afeganistão*; (10) *o Taleban no poder*. Em 1995, uma das milícias afegãs, da etnia *pashtun* – o *Taleban* –, formada e organizada a partir do Paquistão, toma o poder no Afeganistão; (11) *os conflitos na Palestina*. Como conseqüências dos acordos de Camp David, em 1979, a partir desse momento Israel passa a desenvolver uma política interna ultranacionalista, defendendo, entre outras coisas, uma concepção do direito divino judeu sobre as terras da Palestina. Ou seja, Israel, a partir de então, adota uma política de ocupação territorial e expansão de colônias israelenses em territórios árabes ocupados por palestinos. A reação palestina a essa política de ocupação veio na forma de incentivo ao terrorismo, tendo como conseqüência o fortalecimento de grupos radicais; (12) *os esforços pela paz*. Em setembro de 1993 foi assinado, em Washington, com apoio do então presidente norte-americano, Bill Clinton, o Acordo de Paz entre Israel e a OLP, Organização para a Libertação da Palestina. Os acordos posteriores, como os de Oslo

gravíssimos entre os colonos (e suas milícias armadas) e os árabes, que também organizaram grupos armados.

Em novembro de 1947, a Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou a divisão da Palestina em dois Estados: um árabe e um judeu. Os judeus aceitaram a proposta, mas os árabes sentiram-se prejudicados com a partilha, e os dois povos entraram em guerra.

Em 14 de maio de 1948 foi criado o Estado de Israel, e, a partir de então, o Oriente Médio transformou-se numa região de conflitos armados permanentes.

Um dia depois da sua fundação, Israel foi invadido pelos exércitos dos países árabes: Egito, Líbano, Iraque, Síria e Transjordânia (atual Jordânia). A primeira guerra entre árabes e israelenses terminou em junho de 1949 com a vitória de Israel, que conquistou quase toda a Palestina. Ficaram sob controle dos árabes apenas a faixa de Gaza (Egito), a Cisjordânia – oeste do rio Jordão – e a parte oriental de Jerusalém (Jordânia). O Estado palestino assegurado pela partilha da ONU, em 1947, não se concretizou.

Com a guerra de 1948-1949, quase um milhão de palestinos foram obrigados a abandonar suas casas, passando a viver como refugiados nos países vizinhos, principalmente na Jordânia (Arruda, 2004, p. 226-227).

Depois da Segunda Guerra mundial o Oriente Médio passou por mudanças profundas em seu arranjo territorial e político. A Grã-Bretanha e a França deixaram de exercer seu tradicional domínio sobre a região. Essa sua hegemonia, ou domínio, foi substituída – como no resto do mundo – pelos Estados Unidos e União Soviética. Por sua importantíssima posição estratégica (estão ali as maiores reservas de petróleo do mundo), o Oriente Médio tornou-se um dos principais palcos da Guerra Fria; mas não apenas isso.

Nos últimos cinquenta e poucos anos, os conflitos armados violentos e quase contínuos ensangüentaram a região. O principal foco das agitações tem sido, sem muita sombra para dúvidas, a conturbada relação entre árabes/islamitas e judeus. A fundação do Estado de Israel, em 1948, deixou sem pátria milhões de palestinos, os “tradicionais” habitantes da área ocupada pelo Estado judeu. Esse evento histórico, a criação do Estado de Israel, desencadeou um processo de ódio e violência que até recentemente não tinha indicado nenhuma perspectiva de uma solução pela via pacífica. Só na década de 90, talvez, exaustos de lutas e mortes, árabes e judeus se dispuseram a deixar em segundo plano as armas e tentar resolver seus problemas na mesa de negociações, isto é, por meio da diplomacia. O que se viu, e se vê, até hoje, no entanto, é uma constante instabilidade, com idas e voltas, tanto no campo diplomático como no militar.

É essa região, com traços peculiares, que tentaremos mostrar a partir dos livros didáticos do Ensino Médio brasileiro. Para isso tomamos como parâmetro temporal o pós-11

encontra também uma gama praticamente infindável de assuntos de interesse do campo da história, como: religiosidade, diversidade étnica e, claro, constantes conflitos, de origem e motivações variadas. O Oriente Médio, ainda assim, a despeito de todas essas particularidades, aparece nos temas/tópicos dos livros didáticos, recorrentemente, de forma bastante simplificada. Essa recorrência da *mesmice* parece ter levado a uma idéia específica e, às vezes, *equivocada*, de Oriente Médio (Said, 2008, p. 11).

1. O Oriente Médio e o terrorismo nos livros didáticos

Os livros didáticos aqui analisados abordam o Oriente Médio de uma forma específica. Esse modo particular de descrever a região, de acordo com Edward Said, inferioriza a compreensão da região e de seus povos, sobretudo, quando comparada com a dos povos ocidentais que, ainda de acordo com essa visão, sugere-se que estes sejam culturalmente superiores.

Os textos examinados, não raro, sequer mencionam as origens dos conflitos, que tem sido um dos temas básicos, em se tratando de Oriente Médio. Não há também uma cronologia a respeito dos eventos que culminaram no surgimento dos países da região, e nem se estes eram colônias ou possessões, e a quem pertenciam. No exame ora em curso, tomamos essas singularidades – se não responsáveis –, pelo menos, como potencializadoras de considerável parte dos eventos históricos conflituosos surgidos na região. Conflitos estes, que ecoam até hoje. Como é o caso da questão árabe-israelense, em que palestinos refugiados na Faixa de Gaza e na Cisjordânia, lutam pela criação de um Estado palestino autônomo.

Um tema que parece particularmente importante para se compreender a história da região é o movimento sionista, que é a célula embrionária da criação do estado de Israel, e que está relacionado diretamente com o conflito árabe-israelense. O autor, José Jobson Arruda em *História Total 4, Época Moderna e Contemporânea*, dá uma idéia do que é, e como surge o movimento sionista:

O nazismo alemão e as atrocidades da Segunda Guerra Mundial levaram muitos judeus a se organizarem para que fosse criado o Estado de Israel. Essa mobilização já existia desde o século XIX, o chamado movimento sionista, quando os judeus que viviam na Europa oriental foram duramente perseguidos e resolveram lutar pela fundação de um Estado judaico na Palestina, uma pequena região próxima ao Mediterrâneo. Milhares de judeus da Europa emigraram para a Palestina, instalando ali colônias agrícolas. Essa emigração maciça, especialmente nos anos 30 e 40, originou conflitos

A abordagem do Oriente Médio e do Terrorismo em livros didáticos do Ensino Médio no pós-11 de setembro de 2001

Leomar Barcelos Aguiar

Resumo

Este artigo analisa a abordagem do Oriente Médio e seus aspectos controversos – em especial o terrorismo – em quatro livros didáticos do Ensino Médio. O recorte temporal é o pós-11 de setembro de 2001. O objetivo do estudo é examinar se tal abordagem informa o aluno/leitor acerca dos aspectos conflituosos em torno do Oriente Médio, bem como, verificar se os conteúdos dos livros didáticos corroboram com a *visão equivocada* a respeito da região e dos povos que ali habitam. Essa forma particular de ver o Oriente Médio costuma associar árabes/islâmicos ao terrorismo e ao extremismo religioso. De forma mais específica, examinaremos como o terrorismo é tratado no pós-11 de setembro de 2001 nos livros didáticos do Ensino Médio brasileiro.

Palavras-chave: Oriente Médio, terrorismo, islã, visão equivocada, árabe, israelense, palestina.

Introdução

É preciso atenção ao analisar o Oriente Médio. Este artigo, mesmo que de forma modesta, tem por intuito mostrar como o objeto aqui em estudo, é apresentado em quatro livros didáticos do Ensino Médio brasileiro. A abordagem do Oriente Médio e do terrorismo tem como recorte temporal o pós-11 de setembro de 2001. Avaliaremos, na medida do possível, as complexidades étnicas, religiosas e políticas da região, bem como os acontecimentos que nela se sucederam, e, em especial, seus desdobramentos na atualidade. Exemplos dessas complexidades é a política externa da região e os conflitos advindos, provavelmente, de interesses e modos de pensar díspares, entre os países/povos que compõem a região. Essas complexidades podem, ainda, ter relação com a visão que o Ocidente possui a respeito do Oriente, como uma unidade cultural distinta, não raramente, tida como inferior (Said, 2008).

Ao analisar esses conflitos, em especial o terrorismo, salientaremos a divulgação do mesmo nos livros didáticos no pós atentado de 11 de setembro de 2001, ao *World Trade Center*, em Nova York, nos Estados Unidos da América.

A região que corresponde ao Oriente Médio, ou Próximo, como também é conhecida, tem uma cultura riquíssima. Ela é considerada um dos berços da civilização. Ali se

Sumário

Introdução.....	05
1. O Oriente Médio e o terrorismo nos livros didáticos.....	06
2. A visão ocidental equivocada acerca do Oriente Médio	12
3. Alguns tesouros culturais da região do Oriente Médio pouco divulgados.....	17
4. A importância da história política para a compreensão da geopolítica conflituosa do Oriente Médio.....	18
Considerações finais	20
Referência Bibliográficas	22

O nexo de conhecimento e poder que cria o “oriental” e, num certo sentido, o oblitera como ser humano não é para mim uma questão exclusivamente acadêmica.

Edward W. Said (2008)

LEOMAR BARCELOS AGUIAR



**A abordagem do Oriente Médio e do Terrorismo nos livros didáticos do Ensino Médio
no pós-11 de setembro de 2001**

Trabalho apresentado ao curso de História da
Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba
como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciado em História.

Orientador: Dr. Raimundo Agnelo Soares Pessoa

Rubiataba, 2009

36031

Tombo n°	14094
Classif.	94.37
Ex.: 01.	Água
Origem:	d
Data:	29/07/2009

**FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA
CURSO DE HISTÓRIA**



**A abordagem do Oriente Médio e do Terrorismo nos livros didáticos do Ensino Médio
no pós-11 de setembro de 2001**

Discente: Leomar Barcelos Aguiar
Orientador: Dr. Raimundo Agnelo Soares Pessoa

Rubiataba, 2009